

Rio de Pérolas, Rio de Confluências

Marcas Civilizacionais nos *Contos Chineses* de Deolinda da Conceição

Gustavo Infante*

A CABAIA

Se estamos realmente convencidos de que é pela capa que qualquer livro começa, de que é a partir da capa que se abre um pequeno cosmos, então devemos começar por atentar na capa original dos *Contos Chineses* de Deolinda da Conceição, para, a partir daí, viajarmos até ao imaginário destes contos.

A capa original, datada de 1956, vem reproduzida na última edição dos contos.¹ Esta capa deixa já antever uma das grandes tónicas destas curtas narrativas – a oposição entre duas culturas. Na capa, o “cenário” é preenchido com elementos chineses à esquerda, elementos ocidentais à direita. No centro, figura uma mulher, ela própria uma síntese das duas culturas: uma cabaia, uma cintura esguia, a delicadeza móvel das mãos são o contraponto ao cigarro, às unhas longas e cuidadosamente pintadas, aos brincos. A cara contém em si um *chiaro-scuro* que perpassa em quase todos os contos, seja numa perspectiva social, seja civilizacional ou sexual.

Uma das outras particularidades da obra reside, quanto a mim, no seu título. À colectânea de contos

a autora chama *Cheong-Sam*, o nome dum tecido ou duma túnica de seda fina, fazendo corresponder o nome cantonês ao português “Cabaia”. Na quase totalidade destas breves narrativas, Deolinda da Conceição apresenta-nos a figura feminina, normalmente jovem, normalmente oriental, ou num contexto totalmente chinês, ou num contexto português, ocidental. Da leitura dos contos, concluímos quão ímpar se revela este título, pois “cabaia” cedo se revelará uma metonímia para “mulher”.

O conto que abre o livro, ele próprio intitulado “Cheong-Sam”, revela-nos um destes trajes a perseguir, em sonhos, A-Chung, feito prisioneiro depois de ter assassinado Chan Nui, sua esposa, que fugira dele e da guerra para a China ocidentalizada. A-Chung está visivelmente perturbado:

“Tirem-mo da frente, rasguem esse *cheong-sam* que me persegue, lancem-no ao fogo. Maldita coisa que parece rir-se de mim, que parece ter vida ainda, a vida daquela... que eu matei. Ah! Está morta e bem morta, mas vingá-se desta maneira, perseguindo-me com o seu *cheong-sam*..., mas hei-de rasgá-lo e fazê-lo em farrapos, como o fiz a ela.”²

O regresso de Chan Nui, depois de ter trocado o marido por um “ricaço da cidade vizinha”,³ comporta a assunção por parte desta mulher da vida sofisticada e de estilo ocidental. Para este importante facto alerta Mónica Simas,⁴ ao afirmar que “Chan Nui implica a apropriação dos códigos da sociedade moderna ocidental. A sua despersonalização, transforma-a numa estranha à velha moldura tradicional.” O próprio

* Degree in Classics from Lisbon University's Faculty of Arts. Worked as a Portuguese language assistant at Beijing Foreign Studies University from 2003 to 2007. Currently lecturing in Portuguese at Bristol University where he is completing a Ph.D. on Comparative Portuguese and Chinese Literatures.

Licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Entre 2003 e 2007 trabalhou como Leitor de Português na Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim. Actualmente lecciona português na Universidade de Bristol, instituição onde prepara o doutoramento em literaturas portuguesa e chinesa comparadas.

LITERATURA

conto é, porém, peremptório em deixar vincado que as mudanças maiores operadas em Chan Nui ocorreram durante os seus estudos no “novo mundo”.⁵

OS *CONTOS CHINESES* OU A TEORIA DOS ELEMENTOS

Este primeiro conto funciona, de facto, como um “conto-exemplo”, bastante denotador e programático em relação à estética de Deolinda da Conceição. Vejamos. Em primeiro lugar, há quase sempre uma referência ao elemento “guerra”. Este elemento cumpre vários papéis: referência espacio-temporal; causa e consequência avassaladora do destino das personagens; guerra ou conflito interior, sobretudo no contrabalanço entre duas civilizações. No seu sentido mais estrito, esta “guerra”, ceifeira de vidas, cadafalso das personagens, aparece exemplarmente caracterizada como vitimizadora da existência nos contos “Aquele Mulher” e “A Louca”. Em ambos, as mulheres sofrem perdas sentimentalmente incalculáveis, o que as leva a situações de indignação e loucura. Se em “A Louca” temos uma descrição quase circular e mais contemplativa, o mesmo não se poderá dizer de “Aquele Mulher” em que a narradora, utilizando toda a carga emotiva da primeira pessoa – “Quando a vi pela primeira vez, tinha ainda o aspecto duma pessoa saudável”⁶ – conclui anastroficamente que “Assim fazem os homens a guerra, vitimando mulheres e crianças”.⁷ Com o tempo, a narradora vai-se (e vai-nos) dando conta da degradação a que foi exposta esta mulher e a sua família, pelo que a sua conclusão não é senão um grito de revolta e, ao mesmo tempo, uma contrastada constatação.

Aliado a este elemento “guerra” observamos claramente a existência do elemento “incompreensão”, nomeadamente a terrível incompreensão que, também adveniente das diferenças culturais, existe entre os seres masculinos e os femininos destes contos.

Finalmente, uma terceira característica concatena, quase totalmente, os *Contos Chineses*: o recurso à analepse e à prolepse. Numa descrição assaz fotográfica, a narradora apresenta, quase sempre, uma situação presente, cuja tristeza ou alegria é explicada recorrendo à narração dos acontecimentos anteriores, que vão contextualizar o leitor para o presente da narração. Este preceito, se bem que muito comum na literatura ocidental, não deixa de ter o seu toque de orientalidade, sobretudo pela palavras com que Deolinda nos deleita.

Embora não estejamos directamente a lidar com um exemplo de *ut pictora poesis*, podemos notar na escrita de Deolinda da Conceição uma ligação à terra quase eléctrica através do fio condutor narrativo: é como se houvesse uma pintura que nos é descrita ou que nós vemos. Todos os intervenientes constam dela, todo o cenário adquire automaticamente um movimento semelhante ao de um calígrafo que se exercita. Para esta nossa visão dos acontecimentos narrados, não deixa de contribuir o facto de Deolinda da Conceição se revelar um narrador omnisciente e tendencialmente heterodiegético. Exemplos desta técnica descritiva são ceia lauta nos *Contos*. Debruço-me, assim, sobre as primeiras linhas dos “Demónios do Ocidente”, os “Sai long Cuai”:

“O frio tinha afugentado das ruas as gentes que, sob o tecto morno dos lares, passavam as longas horas da noite em reuniões familiares. Uma chuva miúda e impertinente dava aos caminhos um aspecto sinistro. As luzes projectavam-se baças na superfície das estradas asfaltadas, onde os passos dos caminhantes tinham um ruído estranho. Acorados nas arcadas e debaixo das árvores mais frondosas, viam-se grupos de homens, mulheres e crianças esperando pacientemente a esmola de um caldo quentinho ou duma tigela de arroz. [...] E a chuva persistente ia roubando as esperanças dum auxílio imediato, pois as ruas desertas e as portas fechadas falavam da solidão e abandono daquela multidão de seres arrancados aos seus lares e lançados para a mais negra miséria.”⁸

Este conto de enorme carga sinestésica ao nível das sensações do leitor incide, também, em duas comunidades que se cruzam. É interessante notar no seu desfecho que das “bocas agradecidas” dos mendigos saía uma prece: “Buda conserve estes *sai iong cuai* por muito tempo nestas paragens.”⁹

O CRUZAMENTO DE DUAS CIVILIZAÇÕES E O RETRATO DA MULHER EM AMBAS

Outro entrecruzamento de duas culturas surge-nos no conto “O Calvário de Lin Fong”. Aliás, o espaço do conto é a própria Macau, o que por pouco já deixa adivinhar este entrecruzar de elementos díspares na sua essência: “A tarde caía suavemente sobre Ou Mun”.¹⁰ A jovem Lin Fong está dividida entre A Cheoc e “ele”, um português, sempre referido entre aspas, de identidade

velada. O amor neste conto é magistralmente descrito como uma *via crucis* – há um caminho a percorrer, com as suas quedas, as suas perdas e ganhos, as suas estações de via sacra. Este calvário é, acima de tudo, um calvário interior e de incerteza. É o calvário de, ainda por cima com uma mãe tuberculosa, a jovem se ver dividida entre dois homens simbolizando dois fios de História tecidos de forma totalmente antagónica. É o calvário de uma jovem com uma axiologia titubeando entre dois mundos:

“[Ela] sentia incendiar-se-lhe o sangue nas veias sempre que “ele” amorosamente lhe enlaçava a cintura, enquanto que o pensamento de A-Cheoc, com as suas ridículas insinuações, a revoltava no mais íntimo do seu ser.”¹¹

A partir deste trecho, não devemos esquecer a diferença cultural no que concerne a proximidade física e o toque.

Ainda no mundo dos encontros civilizacionais, os contos de Deolinda da Conceição são categóricos em clarificar que, quando as duas civilizações chocam, há sempre uma que deita tudo a perder. “A Esmola” e “Conflito de Sentimentos” são contos que seguem esta temática, mas que, além disso, são bastante semelhantes no ambiente que criam:

“A multidão comprimia-se no pequeno cais, inquieta e impaciente, desejosa de pôr cobro àquele dever imposto pela etiqueta e tão desagradável sempre quando apenas o imperativo de bom tom o exige.”¹²

“No cais movia-se uma multidão compacta que se acotovelava com aquele à vontade que permanece nas grandes aglomerações. O burburinho era ensurdecedor. Uns partiam, outros vinham apenas ver partir o grande navio que seguia rumo ao Novo Mundo, essa América distante, terra de promessa para tantos que, na sua pobre China, tinham sofrido os mais dolorosos momentos e as mais duras privações.”¹³

Em “Conflito de Sentimentos” há um narrador-testemunha que presencia a atitude contemplativa duma mulher que se despede do filho. Uma mulher, agora como que vencida, que, depois de ter feito a sua escolarização fora, voltara à China condenando o costume dos homens terem mais de uma esposa. O seu marido encontra a companhia de uma concubina e “a indiferença do filho chocava-a”.¹⁴ Neste conto porém, é discutível qual a civilização que deita tudo a perder,

pois, se analisarmos à luz dos sentimentos da mãe, o resultado será contrário ao de uma análise segundo os sentimentos e interesses do mundo masculino.

No conto intitulado “A Esmola” há, entre a multidão que se comprimia no cais, um jovem filho de um pai “da velha Europa” e de uma mãe, descrita como “aquela pobre mulher chinesa, ignorante, de pé descalço, sem a mais ligeira noção de educação, que o pai levava para casa um dia numa situação indefinida, não sabia se de serviçal, se de mulher sem a defesa do matrimónio”.¹⁵ Este jovem, no cais, desejoso de escapar dos “olhares curiosos que na sua frente pareciam procurar o estigma da sua origem”,¹⁶ parte para longe deixando, sob um rosto severo, uma esmola à sua mãe que compulsivamente chora e que brada, despedaçada, “Ele deu-me uma esmola, ele deu-me uma esmola, em troca da vida que lhe dei!”¹⁷

A entidade feminina é, assim, descrita como vítima, acoçada por inúmeros factores que lhe deveriam apenas ser externos, mas nos quais ela se vê enredada: sofrimento, incerteza, frustração e – aquele que me parece ser mais explorado pela narradora – ingratidão. O primeiro dos *Contos*, “Cheong-Sam”, é disto exemplo. Se bem que para A-Chung o facto de a mulher estar empregada num dos “*dancings* da cidade” era símbolo de revolta, para ela tal simbolizava sinal de apreciação da sua beleza e, acima de tudo, garantia de comida no prato ao fim do dia. Desta feita, a sua revolta contra A-Chung é, na sua perspectiva de mulher, uma revolta contra a ingratidão do homem com quem casara. É a mudança gradual no comportamento do A-Chung que leva à fatal fuga de Chan Nui.

“Apenas, entre o casal, o silêncio tornava-se cada vez mais profundo, mais longo. Fugiam de se olhar e A-Chung, por mais de uma vez, atirara com os *fai-tchi* ao chão, num gesto de revolta contra aquele arroz comprado com o preço elevado da sua dignidade de homem e de marido.

Verdade seja que Chan Nui se limitava a dançar com os numerosos ricaços que a procuravam sempre. E, quando um dia sentiu tentações de a abraçar, viu surgir diante de si aquela cabaia que tantos conheciam e enlaçavam. Sentiu desejos de a esfarrapar, mas o arroz que ela trazia era indispensável para os filhos...

Tornou-se taciturno, impaciente e neurasténico, a ponto de castigar os pequenos com frequência. Depois, caía em si e chorava amargamente no

LITERATURA

isolamento do seu cubículo, enquanto no salão do *dancing* Chan Nui passava horas rindo-se e conversando animadamente.”¹⁸

AS ALUCINAÇÕES DE AO GE – ESBOÇOS DE ENSAIO SOBRE ALGUMA “IMUTABILIDADE TEMÁTICA” NA ESCRITA FEMININA DE MACAU

Voltando ao ambiente d’ “A Esmola”, vemos que a narração indubitavelmente cinematográfica deste conto, bem como a situação que nele se vive, de um rapaz que vê na sua mãe uma mera serviçal de raça inferior, é ponto de partida para uma comparação com a obra *As Alucinações de Ao Ge*, da escritora Liao Zixin.¹⁹ Jornalista chinesa, nascida no Camboja em 1959, Liao Zixin vive a sua juventude no Laos e só depois se muda para a China. A partir de 1980 começa a colaborar com diversas publicações de Macau, estendendo-se a sua produção desde o jornalismo ao romance e à crítica literária. A residir em Macau, Liao Zixin, também autora de uma recolha de críticas literárias denominada *Literatura Feminina de Macau*, escreveu, no simbólico ano de 1999, um “conto alargado” que retrata a vida do macaense Ao Ge e, à semelhança de Deolinda da Conceição, revela-nos, numa analepse extremamente viva, a infância e a adolescência (bem como a crise que lhe é intrínseca) deste homem que se questiona sobre a sua existência.

A narração abre com uma cena de quarto, de cama e de amanhecer. Ao Ge estremunha e, a custo, lembra a noite anterior: o passeio pelo 9.º bairro de Paris, que lhe relembra Macau e Lisboa, a noite passada com um travesti de quem recorda os seios postíços e a maçã-de-adão saliente. A frase que o travesti lhe murmurou naquelas horas de luxúria – “meu chinês filho da puta!”²⁰ – serve de tema às grandes questões que o atormentam: “o que sou eu?” Além de uma sexualidade que Ao Ge tem dificuldade em definir, há uma identidade, uma nacionalidade, que ele próprio não descortina.

Deste modo, somos lançados para a sua infância. Desde cedo, Ao Ge se lamentava de ser o único dos cinco irmãos a ter uma cara totalmente asiática. Lamentava-se, sim, mas até ao dia em que, chegando a casa a sangrar do nariz depois de travar uma rixa na escola, se olha ao espelho e descobre em si o “nariz direito” do seu avô português. O seu avô casara com

uma chinesa, uma avó que Ao Ge recordava com muito carinho, lembrando-se do aroma das suas sopas e da forma como acudira ao neto com o seu nariz “tão perfeito”, todo esmurrado.

Todas estas alucinações que assomam o pensamento de Ao Ge, são-nos por ele referidas como algo que Macau gera nele. O espaço “Macau” despoleta, assim, contra-sensos existenciais, pelo menos, os que sejam fruto desta amálgama sanguínea. São esses mesmos contra-sensos que Liao Zixin e Deolinda da Conceição nos revelam na sua escrita, neste deambular interno que asfixia as personagens. De facto, Ao Ge e as mulheres de Deolinda da Conceição – Chan Nui, em “Cheong-Sam”; Lin Fong, no seu calvário; a velha mãe *desnominada* de “A Esmola”; a outra mãe anónima de “Conflito de Sentimentos”; a jovem d’ “O Refúgio da Saudade” – vivem numa asfixia civilizacional e, no caso das mulheres dos contos de Deolinda, despertar a cabaia para deixar o ar entrar pode representar uma *hybris* tão trágica quanto a da Grécia Antiga. É, na verdade, esta *hybris* que Chan Nui comete e que, por isso, a paga com a sua morte, num desvario que lhe acomete seu marido – ela ousou abandoná-lo e aos seus três filhos, seguindo o encanto de um bom guarda-roupa e de preciosas jóias.

A escrita destas duas autoras toca-se nestes pontos, não sendo de menosprezar alguns dos contos de Maria Ondina Braga, onde as mulheres também sofrem e perecem muitas vezes. Parece assim existir como que uma “imutabilidade temática” em relação à condição feminina: Macau, espaço pequeno, adensa dramas que são transpostos para a escrita. Deste adensamento, sobretudo em Deolinda da Conceição, há uma noção do pesado fardo que pode representar a herança (ou a hereditariedade...) da culpa.

INFLUÊNCIAS DE ANGÚSTIA

Alguns contos trazem à memória curiosos referentes, aos quais gostaria de fazer menção devido, sobretudo, aos elos que se estabeleceram na minha mente. O conto “O Modelo” traz-nos uma curiosa simbiose da tradição clássica e da tradição da moral que cada história deve conter. A jovem Daphe, dotada de uma beleza ímpar, torna-se modelo para quantas havia da sua idade. Um dia, o vestido que trazia incendia-se e ela fica gravemente queimada. É neste momento que Deolinda da Conceição reinventa a dicotomia da “bela-feia” e da “feia-bela”, referindo-se à nova situação de

LITERATURE

Daphe. Apesar de transfigurada, enfrentou firmemente a sua nova condição: “dedicou-se à adopção de jovens órfãs, transformando a sua linda casa numa escola de arte. Ali encorajava as raparigas infelizes a dedicarem-se a recompor a sua vida, educava-as e preparava-as para aceitar com coragem as grandes contrariedades.”²¹ A narração termina, à guisa de moral, referindo a narradora que Daphne se tornara num modelo “agora bem mais digno de ser copiado”.²² Não é à toa que Deolinda da Conceição escolhe para este conto o nome “Daphne”. Na mitologia grega, Daphe (ou Dafne) foi a ninfa que Apolo muito amou. Logo à partida, o facto de ser a ninfa amada pelo deus da beleza delega nesta jovem uma carga de incomparável pulcritude. O destino da Dafne grega é igualmente trágico. Embora, haja várias variantes da lenda, todas são unânimes no fado final da ninfa, transformada por Zeus em loureiro, curiosamente a planta favorita do deus Apolo.

O segundo referente é aquilo que se podia designar como “Gata Borracheira do Oriente”. Em “O Casamento de Vong Mei”, a jovem protagonista que dá título ao conto, desprovida de mãe e de avó, fica “completamente à mercê da madrastra que a odiava tão somente porque as filhas que lhe nasceram eram exactamente o contrário da enteada”.²³ O conto tem um desenvolvimento e desfecho fantásticos, de carácter oriental, pois Vong Mei acaba morta, desposando um jovem também já falecido. Na verdade, a mãe de Vong Mei “tinha encontrado, no mundo para onde fora, uma velha amiga que tinha na sua companhia um filho”²⁴ e, assim, puderam ambas as mães preparar estas núpcias *post mortem* mas nem por isso infelizes.

“O Refúgio da Saudade” narra-nos uma história triste de um bairro alegre. Sobre uma jovem chinesa cai a fatalidade de se apaixonar por um jovem arquitecto estrangeiro. Apesar de ter tido uma educação europeia, a jovem vive ciente do seu dever familiar e, portanto, racial, porém o seu amor é tão grande, que revela sem pudor à sua mãe a vontade de desposar este jovem. Dada esta nova ao pai encolerizado, a jovem promete não mais se aproximar do jovem enquanto vivesse. Na manhã seguinte apoderou-se dela um “sono profundo” e sobre a sua mesa jazia um “pequenino cartão com as seguintes palavras: “Cumprí a minha promessa”.²⁵ O destino desta jovem não deixa de ter um eco, ainda que distante, de “Num Bairro Moderno” de Cesário Verde. Neste bairro moderno e, necessariamente, rico, da “larga rua macadamizada”,²⁶ constrói-se toda uma

descrição em primeiro lugar do bairro em si e logo a seguir duma rapariga, também ela desgraçada.

A mesma contradição existe. Deolinda da Conceição descreve-nos este bairro como “recanto mimoso nos subúrbios da maravilhosa cidade que, iluminada de noite, mais parecia uma rica caixa de jóias preciosas”.²⁷ Cesário apresenta-nos todos os toques de modernidade do seu tempo:

Dez horas da manhã; os transparentes
Matizam uma casa apalaçada;
Pelos jardins estancam-se as nascentes,
E fere a vista, com brancuras quentes,
A larga rua macadamizada.

Rez-de-chaussée repousam sossegados,
Abriram-se, nalguns, as persianas,
E dum ou doutro, em quartos estucados,
Ou entre a rama dos papeis pintados,
Reluzem, num almoço, as porcelanas.²⁸

A rapariguita que Cesário nos vai descrever, embora seja a antítese da sofisticação da jovem que d’ “O Refúgio da Saudade”, é um elemento com pinceladas (às vezes profundas) de sofrimento. Ela “apregoa, magra, enfezadita,/ As suas couves repolhudas, largas”.²⁹ As couves e toda a sua venda caem-lhe ao chão e é o sujeito poético que lhe vale:

Não passa mais ninguém!... Se me ajudasse?!...

E eu acerquei-me dela, sem desprezo;
E, pelas duas asas a quebrar,
Nós levantámos todos aquele peso
Que ao chão da pedra resistia preso,
Com enorme esforço muscular.³⁰

Ambas as jovens, mais uma vez, são catalogadas como num destino totalmente adverso ao espaço na narração por onde se movem. São, por conseguinte, antíteses no *seu* espaço e antíteses do seu tempo, rígido ditador da sua condição.

Estes ecos, ou talvez influências, não deixam de conferir alguma angústia aos *Contos Chineses*, o mesmo tipo de angústia existente na poesia de Cesário. Certo que não serão o tipo de influências a que Harold Bloom se referia, utilizando autores mais canónicos, mas há, de facto, uma angústia presente, sobretudo do ponto de vista da infelicidade feminina.

LITERATURA

DEOLINDA DA CONCEIÇÃO – QUANDO
A CABAIA É RASGADA

A caracterização das mulheres dos *Contos* de Deolinda da Conceição, cada destas cabaias, é gerada dum ponto de vista omnisciente. À sua narração não é alheia a sua condição de mulher, macaense, divorciada e com dois filhos, emancipada, numa sociedade que, então, era ainda mais tradicional, fruto da doutrina catolicizante do incipiente Estado Novo e fruto também do enclausuramento a que as vicissitudes da política internacional haviam votado o território de Macau – uma estrutura carregada de tradições herméticas dum e doutro lado das Portas do Cerco. De facto, como bem sublinha Brookshaw,³¹ Deolinda da Conceição simboliza a luta das mulheres pela sua libertação dos grilhões da estrutura patriarcal tradicional chinesa.³² O mesmo autor refere que, apenas compreendendo e, de certo modo vivendo, o drama dos acontecimentos de então, alguém pode escrever utilizando o mesmo tipo de conteúdo e de tema.³³

Sendo uma literatura de emancipação, os *Contos Chineses* representam, a meu ver, um expoente português da literatura engagée no feminino, duma literatura empenhada em apontar um conjunto de tipos de angústia crónica de que sofrem as mulheres de Deolinda da Conceição. São contos em que perpassa uma contemplação da desgraça, mas em que se nota um desejo imenso em sair do espartilho. Estas mulheres (e a própria Deolinda da Conceição), ao se sentirem presas, desejam romper com o estabelecido, desejam rasgar a cabaia justa que trazem – um acto necessariamente catártico: a libertação é uma purificação, uma ascese para um estado superior e, na perspectiva das suas intervenientes, necessariamente melhor.

DO OUTRO LADO DAS PORTAS

Não gostaria de terminar sem deixar de referir que, em alguns dos seus contos, a narradora nos deixa a sua opinião, ou uma reflexão, sobre a grande China, que se estende para lá das Portas do Cerco. Atendendo à época, estes juízos de valor tendem a caracterizar o Império do Meio como uma terra gasta pelo sofrimento:

“E nesta China imensa, nesta China mártir e sofredora, o grito dessa criança deve ser o eco de tantas e tantas outras que sobem todos os dias, de peitos oprimidos, a implorar ao Céu piedade para este mundo abalado por lutas fraticidas,

que vão roubando aos homens o sentimento da solidariedade humana, transformando-os em verdadeiras feras.”³⁴

Em relação à perspectiva que Deolinda da Conceição regista desta grande China, é de salientar a observação que Brookshaw³⁵ sugere: a autora é ambígua na sua posição em relação à cultura chinesa, facto que, sem dúvida, reflecte a sua condição de macaense. Ora esta ambiguidade é também, como referi, uma das grandes tónicas das *Alucinações de Ao Ge*. Voltando a esta obra, não devo deixar de fazer referência a um dos episódios mais cómicos do livro, retratando esta posição macaense em relação às culturas e à assunção das mesmas. No excerto que abaixo cito, traduzindo, Ao Ge relembra as suas aulas de mandarim, com uma professora vinda do outro lado da fronteira.

“Fazer um curso de *putonghua* é a última moda, para os funcionários públicos... Até há aulas enquanto trabalham! Já há muitos dias que os meus colegas não param de tecer comentários sobre a nova professora, uma linda *miss* acabada de desembarcar. No dia seguinte, dizem-me que ela é uma perita e é capaz de fazer frente ao mais audaz. No terceiro dia, dizem-me que a *miss* começou a brincar com os alunos, alguns dos quais foram ridicularizados. No quarto dia, alguns da turma começaram a ensinar-lhe alguns palavrões em português e a sua pronúncia era perfeita.

– Ao Ge, vai amanhã às aulas! Se calhar, tu tens a capacidade de a ‘seduzir’. Lança-lhe o teu charme! – disse um colega à minha frente.

Acho que esta é uma boa razão para ir.

No dia seguinte, escolhi um bom lugar na primeira fila e sentei-me. Para ‘seduzir’ as mulheres, coragem é o bem mais necessário.

A verdade é que ela era bonita e a sua voz melodiosa era muito atraente.

– O novo colega pode apresentar-se, por favor?

– Chamo-me Ao Ge; sou solteiro.

Os outros começaram a rir. Eu senti-me satisfeito comigo mesmo.

– A professora pode também apresentar-se? É casada?

Quando as assobiadelas terminaram, ela começou a falar pausadamente.

– Os meus avós são de Macau. Nasci na China Continental e aí fiz a universidade. Estado Civil: solteira.

LITERATURE

Tudo o que era homem na aula aplaudiu. Para mudar de assunto, uma aluna ousou perguntar: – Perdão, *miss*, não foi apenas a partir dos anos 1980 que os estudantes de Macau puderam ir estudar para a China?

– Quer que eu lembre a todos a História de Macau? Toda a gente aqui, penso eu, deve ter ouvido falar dos acontecimentos do 3 de Dezembro...

Ela queria-nos explicar o 3 de Dezembro, a nós?! As mulheres não podem, de facto, ser belas e inteligentes ao mesmo tempo.

– Então, a 3 de Dezembro, os chineses de Macau entraram em conflito com o governo português. As suas manifestações foram reprimidas no seu sangue, mas o patriotismo fervente dos chineses de Macau fez com que um grande número de jovens, encorajados pelas mais nobres aspirações, partisse para estudar na Mãe-Pátria. Podemos compreender que isto tenha azedado bastante as relações entre os chineses e os portugueses...

A sala ficou em silêncio. Seria isto, da parte dela, uma provocação?

– Tudo isso pertence ao passado. Saibamos todos, vocês e eu, tirar as lições da História e fortalecer entre nós a comunicação!

E, de cima, num piscar de olhos, malicioso, ela atira um ‘Não é?’ A aula ganhou, de novo, vida.

– É por isso que, a partir de hoje, pedirei em cada aula, a um ou a outro, que fale com toda a simplicidade da sua família, da sua vida. Vamos aproveitar bastante para praticar a oralidade!

Depois, com estas palavras, num sorriso cheio de malícia, ela olhou para mim:

– Hoje é a sua vez! Vamos, Ao Ge, você é o primeiro!

Bastante envergonhado, eu coçava a cabeça:

– Eu não sei...

– Isso não é nada! Vá, vamos com calma... – aproximando-se da minha carteira – eu vou ajudá-lo a fazer as suas primeiras frases. Vou fazer-lhe perguntas muito simples, está bem?

O que fazer senão aceitar? Arrependi-me do que tinha feito com ela.

– Você parece-se muito com um chinês! Diria que os seus pais são chineses...

– Não! Os meus pais são portugueses!

– A sério? – fazendo-se espantada – Eles não têm ponta de sangue chinês?

– Bem, na verdade a minha... De facto, a minha avó é chinesa... – Que difícil falar quando temos a corda na garganta!

– Pois bem, Ao Ge, fale-nos um pouco da sua avó!

– A minha avó? Bem, a minha avó, hum... – O que é que eu podia dizer duma avó que me era tão pouco familiar? – Era muito pequeno, não conheço bem a sua história!

Ela fez um ar pungido. Eu suspirava. Ela atacou de novo:

– Você considera-se chinês?

Atrapalhado, eu arregalava os olhos: – Mas eu sou macaense!

Ela riu:

– Eu sei muito bem que vocês são todos macaenses, mas já vos ouvi muitas vezes dizer que o vosso pai ou a vossa mãe, o vosso avô ou a vossa avó *são* chineses. Vocês, porém, parece que não sabem dizer ‘Eu também sou chinês!’ Porquê?

Então, todos os meus colegas se entreolharam e depois, em coro, exclamaram:

– Mas toda a gente nos chama de ‘macaenses-portugueses’!

– Vocês clamam ter sangue chinês, mas não reconhecem, por outro lado, que são chineses?! Isso não é uma contradição...?

A linda ‘lutadora’ parecia ter prazer na provocação, tanto mais que dizia isto a olhar-me nos olhos.”³⁶

Aqui, nesta acesa discussão, confrontam-se duas imagens: a “minha de mim” e a “minha do outro”. Ora, é este mesmo o confronto com que se digladiam as figuras femininas nos *Contos Chineses*: a sua própria visão, feminina, espelhada, de mulher para mulher, contra a visão que os olhos masculinos têm delas.

RIO DE CONFLUÊNCIAS

Todos os aspectos que foquei confluem numa mesma direcção. Um rio de muitas pérolas, mas em que todas acabam por desaguar juntas no mar. Um rio naturalmente navegável e, por isso, também ele um caminho de escritas. Cada destes contos, rico *per se* e, por isso, uma pérola, aponta para Deolinda da

LITERATURA

Conceição como representante daquilo que prefiro chamar “Literatura Delicada”. Na verdade, penso que seria interessante debater se esta literatura é delicada porque é feminina, ou se, ao contrário, é feminina porque é delicada.

Prefiro chamar-lhe “Delicada”, por achar que a delicadeza tem a feminilidade como característica intrínseca, quase inalienável. Apesar do duro realismo, da violência muitas vezes crua e do pesado *fatum* das mulheres de Deolinda da Conceição, a escrita desta

é uma escrita de pincel, uma caligrafia cuidada sobre papel de arroz.

Da sua situação de mulher e macaense, da situação da Macau de então, resultam os *Contos Chineses*, onde aspectos de duas civilizações se misturam, fluidos, atribuindo a estes contos grande particularidade e riqueza. Cada conto, uma marca civilizacional que também é marco. No conjunto estes contos, estas marcas civilizacionais, são a força motriz que desencadeia todas as outras características sobre as quais me debruçei. **RC**

NOTAS

- 1 Deolinda da Conceição, *Cheong-Sam – A Cabaia*. Macau: Instituto Cultural de Macau/Instituto Português do Oriente, 1995.
- 2 *Ibidem*, p. 13.
- 3 *Ibidem*, p. 19.
- 4 Mónica Simas, “Abalos no Espaço Doméstico Chinês em Crónicas de Deolinda da Conceição”, in *Anais do IX Seminário Nacional ‘Mulher e Literatura’*.
- 5 Deolinda da Conceição, *op. cit.*, p. 16.
- 6 *Ibidem*, p. 47.
- 7 *Ibidem*, p. 49.
- 8 *Ibidem*, p. 59.
- 9 *Ibidem*, p. 61.
- 10 *Ibidem*, p. 23.
- 11 *Ibidem*, p. 24.
- 12 *Ibidem*, p. 27 (“A Esmola”).
- 13 *Ibidem*, p. 39 (“Conflito de Sentimentos”).
- 14 *Ibidem*, p. 41.
- 15 *Ibidem* pp. 27-28.
- 16 *Ibidem*, p. 28.
- 17 *Ibidem*, p. 29.
- 18 *Ibidem*, p. 19.
- 19 Também conhecida em Macau pelo seu nome cantonense, Lio Chi Heng.
- 20 Lio Chi Heng 廖子馨, *As Alucinações de Ao Ge*, pp. 36-40.
- 21 Deolinda da Conceição, *op. cit.*, p. 64.
- 22 *Ibidem*, p. 65.
- 23 *Ibidem*, p. 71.
- 24 *Ibidem*, p. 73.
- 25 *Ibidem*, p. 53.
- 26 “Num Bairro Moderno”, v. 5.
- 27 Deolinda da Conceição, *op. cit.*, p. 51 (“O Refúgio da Saudade”).
- 28 “Num Bairro Moderno”, vv. 1-10.
- 29 *Ibidem*, vv. 94/5.
- 30 *Ibidem*, vv. 65-70.
- 31 David Brookshaw, *Perceptions of China in Modern Portuguese Literature: Border Gates*.
- 32 *Ibidem*, p. 13: “Conceição’s Cheong-Sam – A Cabaia, which focuses on the hardships faced in particular by women in China and Macau during the war years, and with special poignancy on the struggle of women to free themselves from the shackles of traditional Chinese patriarchy.”
- 33 *Ibidem*, pp. 69/70, *passim*.
- 34 Deolinda da Conceição, *op. cit.*, p. 33 (“Arroz e Lágrimas”).
- 35 David Brookshaw, *Perceptions of China...*, p. 75 e ss.
- 36 Lio Chi Heng, *As Alucinações de Ao Ge*, pp. 36-40.

BIBLIOGRAFIA

- Brookshaw, David. *Perceptions of China in Modern Portuguese Literature: Border Gates*. Wales: The Edwin Mellen Press, 2002.
- Conceição, Deolinda da. *Cheong-Sam – A Cabaia: Contos Chineses* (reed.). Macau: Instituto Cultural de Macau/Instituto Português do Oriente, 1995.
- Grimal, Pierre (coord. ed. port. Victor Jabouille). *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, 2.ª ed. Carnaxide: Difel, 1992.
- Laborinho, Ana Paula. “Deolinda da Conceição: a autora e a obra”. Texto introdutório à tradução chinesa de *Cheong-Sam – A Cabaia: Contos Chineses* (trad. Yao Jingming). Macau: Instituto Cultural de Macau, 1996.
- Liao Zixin 廖子馨. “Ao Ge de Huanjue Shijie” 奥戈的幻觉世界 [“O mundo de alucinações de Ao Ge”], in *Aomen Bihui* 澳门笔会, 14 (1999), pp. 76-91.
- Lio Chi Heng 廖子馨, *As Alucinações de Ao Ge*. Tradução de Gustavo Infante e Zhang Yunfeng 张云峰. Macau: Instituto Português do Oriente, 2010.
- Simas, Mónica. “Abalos no Espaço Doméstico Chinês em Crónicas de Deolinda da Conceição”, in *Anais do IX Seminário Nacional ‘Mulher e Literatura’*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- Verde, Cesário. *Obras Completas*. Edição de Joel Serrão. Lisboa: Livros Horizonte, 1992.